

Análise dos símbolos em *Mrs. Dalloway* de Virginia Woolf

Analysis of symbols in *Mrs. Dalloway* by Virginia Woolf

 Isabela Christina do Nascimento Sousa

 Stephane Eugênio da Costa

 Larissa de Menezes Constantino

Resumo: Os estudos literários salientam o papel dos símbolos na construção dos significados nas obras literárias. Em *Mrs. Dalloway*, de Virginia Woolf, a narrativa explora um único dia na vida da protagonista Clarissa Dalloway na cidade de Londres, em meio aos preparativos de sua festa. Nesse romance, a escritora utiliza diversos símbolos que contribuem para a construção dos sentidos da obra, como as flores e o Big Ben. Baseado nessa ideia, o objetivo deste estudo é, por meio de uma pesquisa crítico-analítica, examinar as funções simbólica das flores e do Big Ben no romance *Mrs. Dalloway*, de Virginia Woolf. Para o desenvolvimento deste artigo as pesquisas usadas como embasamento teórico foram Ferber (2007), Chevalier & Gheerbrant (2001), Schwarz (1995) e Kern (2011). As flores e o Big Ben, no romance, reforçam o trajeto da consciência de Clarissa Dalloway entre passado e presente, vida e morte.

Palavras-chave: *Mrs. Dalloway*. Símbolos. Romance inglês.

Isabela Christina do Nascimento Sousa. Doutoranda no programa de Pós-graduação de Literatura e interculturalidade (PPGLI) da UEPB Mestra em Letras pela Universidade Federal do Piauí.

Stephane Eugênio da Costa. Graduanda no curso de Letras-Inglês pela UEPB. Atualmente atua como professora do Núcleo de Línguas NuLi (UEPB).

Larissa de Menezes Constantino. Graduanda em Letras Inglês pela Universidade Estadual da Paraíba.

Abstract: Literary studies emphasize the role of symbols in the construction of meanings in literary works. In *Mrs. Dalloway*, by Virginia Woolf, the narrative explores a single day in the life of the protagonist Clarissa Dalloway in the city of London, amidst the preparations for her party. In this novel, the writer uses different symbols that contribute to the construction of meanings in the work, such as the flowers and the Big Ben. Grounded on this idea, this study aims, through a critical and analytical research, to examine the symbolic functions of flowers and the Big Ben in the novel *Mrs. Dalloway*, by Virginia Woolf. For the development of this article, the researchers used as theoretical background were Ferber (2007), Chevalier & Gheerbrant (2001), Schwarz (1995) and Kern (2011). The flowers and the Big Ben, in the novel, reinforce the path of Clarissa Dalloway's consciousness through past and present, life and death.

Keywords: *Mrs. Dalloway*. Symbols. English novel.

Introdução

O romance *Mrs. Dalloway* foi escrito pela britânica Virginia Woolf. Originalmente publicado em 1925, a história do dia em que Clarissa Dalloway prepara uma festa foi uma das obras inauguradoras da ficção modernista de língua inglesa. Em *Mrs. Dalloway*, Woolf utilizou a técnica narrativa do discurso indireto livre para apresentar a seus leitores a complexidade da consciência de sua protagonista, se afastando da tradição de romancistas que enfatizavam descrições de eventos externos. Embora pouco aconteça no enredo de *Mrs. Dalloway*, o que ganha destaque na obra são os acontecimentos interiores, mostrando para os leitores que até mesmo a mais trivial das pessoas poderia ser uma personagem excepcional se construída por uma escritora habilidosa, como defendia Woolf.

Embora diversos estudos sobre essa obra se concentrem na técnica narrativa de Virginia Woolf, em especial, fluxo de consciência e/ou discurso indireto livre, esses não são os únicos artifícios proeminentes na obra. Portanto, visando explorar aspectos não tão estudados nesse romance, o objetivo principal deste trabalho é examinar as funções simbólicas das flores e do Big Ben no romance *Mrs. Dalloway*. A partir de uma análise crítica e interpretativa da obra, pode-se entender que os símbolos das flores e do Big Ben acentuam a construção de sentidos da obra, em particular aqueles relacionados à beleza, ao envelhecimento, a mudanças da modernidade e à morte.

Nos jardins de Virginia Woolf: as flores como símbolos em *Mrs. Dalloway*

Em *Mrs. Dalloway*, Virginia Woolf faz amplo uso de símbolos, sendo as flores um dos elementos simbólicos mais recorrentes. Flores enquanto símbolos estão muitas vezes ligadas à aparência, em especial quando estão relacionadas a personagens femininas. Isso pode ser explicado pelo cultivo dessas plantas que, ao contrário daquelas que se convertem em alimentos ou matéria-prima, se volta quase que inteiramente para o prazer visual, obtendo destaque no comércio plantas ornamentais (Huss; Yosef; Zaccai, 2017). No contexto literário, as flores carregam diversos significados, frequentemente associados à aparência de mulheres e meninas, como afirma Ferber (2007, p. 75, tradução nossa), “as flores, antes de tudo, são meninas. A sua beleza, a brevidade da sua beleza [...]”¹. As flores podem igualmente representar o amor, a feminilidade e a juventude de uma mulher.

1. Flowers, first of all, are girls. Their beauty, their beauty's brevity, their [...].

A presença de flores como símbolos em obras literárias se destaca quando autores escolhem batizar suas personagens em referência a flores, sendo um exemplo comum as personagens que recebem o nome de rosa, como a Rose Maylie, de Charles Dickens, em *Oliver Twist*. Tais personagens, cujos nomes são referências diretas a flores, carregam consigo os sentidos simbólicos dessas flores, que muitas vezes se convertem em características das próprias personagens que vão se revelando durante o desenrolar da história. Virginia Woolf não apenas faz uso dos significados convencionalmente atribuídos a esse símbolo, mas também explora outras interpretações possíveis, acrescentando camadas de profundidade à sua narrativa e às personagens.

No contexto da obra de Woolf, as flores estão presentes na emblemática sentença inicial do romance: “Mrs. Dalloway disse que ela mesma iria comprar as flores” (Woolf, 2017, p. 23). A abertura *in medias res* é uma técnica literária que a escritora utiliza para se afastar da tradição realista de inícios de narrativas. Em *Mrs. Dalloway*, ela inicia em meio a uma ação, lançando o leitor em uma cena em progresso, sem fazer qualquer introdução formal das personagens, dos lugares, ou ainda, sem demarcar a transição do presente da narrativa para as lembranças de Bourton na mente de Clarissa (Saint-Amour, 2016).

Clarissa Dalloway sai de sua casa e parte na sua tarefa de comprar as flores. Ela reflete sobre a sua juventude, amores do passado, ao mesmo tempo em que se questiona sobre as decisões tomadas. O romance em discurso indireto parte de “[...] uma protagonista não identificada para um interlocutor sem nome, então continua com uma narração que mistura dois eventos em dois lugares e tempos indeterminados por meio de uma dicção que alterna ambigualmente entre a da pro-

tagonista e a do narrador”² (Kern, 2011, p. 141, tradução nossa). Esta passagem da narrativa é intrigante, pois “[a] presença de flores na frase de abertura de Virginia Woolf em *Mrs. Dalloway* indica imediatamente sua importância como um dos principais links no sistema de múltiplos motivos interconectados ao longo deste romance” (Rychen, 1982, p. 15, tradução nossa)³. O leitor acompanha Clarissa enquanto ela percorre as ruas de Londres em direção à floricultura.

O trecho inicial da obra é a porta para o leitor conhecer a mente de Clarissa, além de apresentar as flores como um símbolo que será retomado ao longo da narrativa. Conforme a narrativa avança, Clarissa adentra a floricultura da Senhora Pym, onde as flores desencadeiam os sentimentos de nostalgia da personagem, que se vê dividida entre o passado e presente.

E então, abrindo os olhos, que refrescantes aquelas rosas, como roupa branca rendada, recém-chegada da lavanderia em cestos de vime; e os escuros e cerimoniosos cravos vermelhos, de cabeça erguida; e todas as ervilhas-de-cheiro pelos vasos, tingidas de púrpura, alvas como a neve, pálidas - como se ao cair da noite as jovens vestidas de musselina tivessem saído para colher ervilhas-de-cheiro e rosas após um esplêndido dia de verão [...] (Woolf, 2017, p. 34).

Nessa passagem, as flores sinalizam os pensamentos de Clarissa em meio à diversidade da floricultura da Senhora Pym. O leitor é convidado a acompanhar as reflexões interiores de Clarissa enquanto ela

2. [...] from an unidentified protagonist to an unnamed interlocutor, then continues with narration that conflates events at two unidentified places and times in a diction that shifts ambiguously between that of the protagonist and that of the narrator.

3. The presence of flowers in the opening sentence of Virginia Woolf's *Mrs. Dalloway* immediately signifies their importance as one of the major links in the system of multiple interconnecting motifs throughout this novel.

observar as flores; o narrador apresenta não apenas o que ela percebe naquela realidade imediata, mas também as conexões que ela constrói entre aqueles elementos concretos e suas experiências sensoriais do passado. As flores remetem aos sentimentos nostálgicos de Clarissa, que imagina as jovens a colher flores nos campos, ressaltando a ausência que ela sente da sua própria juventude. Essa passagem está alinhada à conexão entre flores e jovens mulheres, já apontada em Ferber (2007), mas que a autora explora também por meio da ênfase nas cores branco, vermelho e violeta.

Para Chevalier e Gheerbrant (2020, p. 501), as flores podem “[...] apresentar-se como figura-arquétipo da alma, como centro espiritual. Quando isso ocorre, seu significado se explica conforme suas cores, que revelam a orientação das tendências psíquicas [...]”. Branco na tradição cristã é frequentemente associado à pureza, paz e conciliação. Nas tradições ocidentais não-cristãs, seu simbolismo se vincula à luz, virtude, verdade, celebração, alegria, inocência, castidade e virgindade (Ševčíková, 2008). Por sua vez, o vermelho em diferentes culturas alude à proibição, à transgressão e aos impulsos sexuais. O púrpura e o violeta são diferentes tons de vermelho, que representam um estágio mais maduro daquela cor, e no Império Romano estavam ligados ao exercício do poder (Chevalier e Gheerbrant, 2020). Partindo dessas observações e da análise da passagem anterior, é possível apontar que Woolf, ao mesclar as lembranças de Clarissa Dalloway com as flores coloridas do mercado da Senhora Pym, constrói uma imagem de transição da pureza para o amadurecimento sexual feminino. Esse amadurecimento pode ser lido também um estágio no qual a mulher toma consciência do próprio corpo e do prazer, tornando-se mais autônoma.

As flores de fato possuem uma importante ligação com as memórias do passado de Clarissa, mas elas também têm outros significados sim-

bólicos. Em *Mrs. Dalloway* esses símbolos estão ligados ao sentimento de autoestima e à preocupação com a aparência da protagonista. Os estudos de Schwarz (1995, p. 266, tradução nossa) apontam que “[Clarissa] considera sua aparência física de forma autodepreciativa”⁴. Ela é uma mulher britânica que já passou da juventude e que a todo momento faz autocríticas em relação à própria aparência e capacidade intelectual, como no trecho a seguir: [...] pensou ela de repente sentindo se encarquilhada, envelhecida, de peito vazio, o dia que lá fora se afinava, enfunava, florescia, para além da janela, além de seu corpo e cérebro que já desfaleciam, pois não fora convidada por Lady Bruton (Woolf, 2017, p. 52).

O trecho acima descreve um momento em que Clarissa, após deixar a floricultura e voltar para casa, toma ciência que não foi convidada a um evento de Lady Bruton, uma mulher muito respeitada e conhecida pela sociedade britânica da narrativa, com a qual Clarissa compara-se em inúmeros momentos. Garvey (1991) entende que “[a]o pensar em Lady Bruton, Clarissa contempla seu próprio envelhecimento, uma experiência perpétua e estimulante de liminaridade, ao invés de uma passagem definitiva para a morte”⁵ (p. 67, traduções nossa).

Se na comparação com Lady Bruton, Clarissa não pensava na morte, o leitor talvez discorde de Garvey (1991) quanto à instigação que essa experiência suscita na protagonista. Nesse excerto, as flores tomadas como verbo desempenham a função de refletir a dualidade na forma como Clarissa se percebe em relação ao mundo ao seu redor, um espaço externo que floresce – *flowering of the day*, no original –, em contraste com seu corpo envelhecido. Assim, elas simbolizam não ape-

4. [Clarissa] regards her physical appearance with self-contempt.

5. Thinking of Lady Bruton, Clarissa contemplates her own aging, a perpetual, exhilarating experience of liminality rather than a definite crossing over to death.

nas o mundo em desenvolvimento, mas também as transformações que surgiam naquela sociedade impactada pela guerra.

Paralelos entre o mundo natural, científico e o mundo social são constantes na obra de Woolf, que desde a infância era fascinada pela botânica. No ensaio intitulado *Craftsmanship*, por exemplo, a autora imagina o mundo como um organismo vivo (Alt, 2016). Essas relações são exploradas diversas vezes por Woolf em *Mrs. Dalloway*, sobretudo na comparação do mundo em torno de Clarissa com flores. Para Clarissa, o florescimento do mundo externo faz mais que representar o mundo novo, ele intensifica suas próprias imperfeições, evidenciando sua falta de conhecimento, sua idade e sua fragilidade. É como se o mundo ao seu redor fosse uma flor saudável e bela, em contraste com ela mesma, percebida como uma flor sem vitalidade e beleza.

A utilização da simbologia das flores em *Mrs. Dalloway* destaca, em Clarissa, aspectos de sua personalidade e características que afastam a personagem da tradição das protagonistas femininas dos romances ingleses até aquele momento. Como citado anteriormente, as flores como símbolo podem representar aspectos positivos especialmente quando associadas às mulheres, mas Woolf oferece ao leitor outros sentidos, fazendo com que esse símbolo crie profundidade na construção de sua personagem.

Por mais que as flores possam acentuar elementos não positivos em certos momentos da narrativa, é perceptível que seus significados se transformam de acordo com as memórias felizes de Clarissa. Em uma dessas ocasiões, Clarissa recorda um amor de sua juventude na propriedade de Bourton, sua amiga Sally Seton:

Ela e Sally vinham mais atrás. Então ocorreu o momento mais requintado de toda a sua vida, ao passarem por uma floreira de pedra. Sally parou; colheu uma flor; beijou-a nos lábios. Foi como

se o mundo virasse de ponta-cabeça! Os outros haviam sumido; estava sozinha com Sally (Woolf, 2017, p. 58).

As flores, mesmo que em alguns momentos provoquem a consciência da juventude que se foi, podem também construir sentidos de amor inocente e feminilidade. Rychen (1982, p. 20, tradução nossa) explica que: “[...] seu amor juvenil e inocente por Sally Seton, [era] um sentimento que tinha, para ela, uma integridade que faltava no contato homossexual”⁶. As flores enfatizam uma atmosfera romântica na cena, criando um contraste com a pedreira, inabalável e indiferente. Na perspectiva de Clarissa o mundo fica estático enquanto observa Sally colher a flor e beijá-la, uma ação que reforça a feminilidade de Sally e o amor que Clarissa sente pela amiga.

Em outro excerto da obra, Woolf enfatiza como as flores tornaram-se algo marcante para Clarissa, novamente na companhia de Sally: “Sally saiu, colheu malvas-rosa, dálias - todo tipo de flores que jamais haviam sido vistas juntas [...]” (Woolf, 2017, p. 56). A escritora escolhe precisamente malvas-rosa e dálias, pois são flores que possuem significados que se relacionam implicitamente com a personalidade de Sally. De acordo com Rychen (1982, p. 21, tradução nossa), “[...] Dálias significam instabilidade, enquanto as malvas-rosa representam fertilidade, fecundidade e ambição feminina”⁷, características marcantes na identidade de Sally e que, ao longo dos anos, faz com que Clarissa mantenha essas flores associadas a ela.

É igualmente relevante observar a recorrência de personagens mulheres descritas colhendo flores na narrativa. Nos dois últimos trechos

6. [...] her youthful, innocent love for Sally Seton, [was] a feeling which had, for her, an integrity lacking in heterosexual contacts.

7. [...] Dahlias mean instability, while hollyhocks represent fruitfulness, fecundity, and female ambition.

analisados, essa mulher era a jovem Sally Seton, antes eram as jovens vestidas de musselina no verão dos pensamentos de Clarissa Dalloway durante a visita à floricultura da Senhora Pym. Na mitologia grega, muitas mulheres – Perséfone, Europa e Helena, para citar algumas – são raptadas e/ou abusadas enquanto colhem flores. Colher flores também pode ser associado à perda da virgindade, “[...] ‘deflorar’ como ‘perder a virgindade’ está na língua inglesa desde a Idade Média [...], e em muitas línguas ‘flor’, ‘rosa’, ‘cereja’, e similares são termos para se referir ao hímen ou à virgindade”⁸ (Ferber, 2007, p. 74, tradução nossa). Em *Mrs. Dalloway* as mulheres colhendo flores indicam a entrada num mundo de descoberta e amadurecimento, e o ato de Clarissa, tantas vezes, lembrar de Sally enquanto colhe flores suscita a ideia de que é Sally Seton que desperta sua atenção para o mundo dos prazeres sexuais.

Dessa forma, pode-se concluir que as flores são um símbolo frequente e fundamental na obra *Mrs. Dalloway*, de Virginia Woolf. A escritora possuía a maestria de criar camadas para esse símbolo que enriquecem a trama com nuances psicológicas e metafóricas. Como símbolo elas transbordam a representação do mundo natural na narrativa, ao mesmo tempo em que desempenham um papel importante na construção das personagens, revelando suas inseguranças, nostalgias e desejos. Woolf constrói significados com as flores do romance que se apropriam dos tradicionais elementos ligados à feminilidade, como beleza, juventude e fragilidade, mas que, para além disso, exploram a passagem do tempo, a efemeridade do corpo em contraste com a indiferença do mundo natural e a descoberta do desejo transgressor.

8. [...] “deflower” for “deprive of virginity” has been in English since the Middle Ages [...], and in many languages “flower,” “rose,” “cherry,” and the like are terms for the hymen or maidenhead.

○ Big Ben: símbolos e temporalidade em *Mrs. Dalloway*

Virginia Woolf possuía um jeito particular de tornar os seus personagens representações da sociedade, especialmente se tratando de seus protagonistas. Woolf explorou as complexidades e matizes da mente de seus protagonistas, fazendo com que fossem mais introspectivos, característica que se tornou importante nos romances modernistas do século XX. Clarissa Dalloway, como dito anteriormente, é uma personagem ligada ao passado e bastante preocupada com as mudanças das convenções sociais do seu presente, ao mesmo tempo em que tenta atribuir um significado a sua vida.

Schwarz (1995, p. 258, tradução nossa) aponta como “[...] tema principal dos seus romances: a busca das suas personagens por criar significado num mundo em que o tempo e a mortalidade são os primeiros princípios e onde a ordem – divina ou não – está ausente”⁹. Clarissa Dalloway representa essa busca de significado em um mundo pós-guerra no qual a incerteza e as mudanças constantes permeiam a sociedade. As suas preocupações com a passagem do tempo, a noção de mortalidade e o seu propósito de vida a preocupam regularmente. Para reforçar essas ideias, Woolf utiliza o Big Ben, um dos relógios mais famosos do mundo e que remete à identidade e tradição do povo londrino, explorando-o na narrativa como um elemento responsável por lembrar constantemente e concretamente que o tempo passa indiferente.

Na literatura, os significados atribuídos ao relógio podem ir desde a representação da pressão que o tempo exerce sobre as pessoas, à

9. [...] the major subject of her novels: the quest of her characters to create meaning within a world in which time and mortality are the first principles and where order - divine or otherwise - is absent.

passagem do tempo, à finitude, ao ritmo e à regularidade da vida. Em *Mrs. Dalloway* as interpretações conferidas ao Big Ben estão voltadas à transitoriedade do tempo e à efemeridade da existência humana. Ainda, na narrativa o relógio desempenha o papel marcador do tempo que situar o leitor no decorrer do dia. O enredo transcorre durante um único dia, e o modo utilizado por Woolf para apontar que o dia está caminhando é através das badaladas do Big Ben que ressoam em vários momentos da narrativa: “Era exatamente meio-dia; doze horas pelo Big Ben; cujas badaladas se dispersaram pelo norte de Londres” (Woolf, 2017, p. 120).

Na narrativa os relógios assumem, ora o papel de tirano, ora a função de ligar as personagens: “[m]ais que regular o tempo social, mais que esvaziar ou homogeneizar as experiências, os relógios em *Mrs. Dalloway* coordenam justaposições e coexistências improváveis”¹⁰ (Saint-Amour, 2016, p. 89-90). A primeira batida do Big Ben no romance alterna a perspectiva do narrador de Scrope Purvis para Clarissa Dalloway. Entretanto, para Clarissa, o passar do tempo é também algo observado com pavor, um prenúncio do fim da juventude e também da morte. Isso se confirma quando Clarissa analisa as marcas do tempo no rosto de Millicent Bruton:

O que ela temia porém, era o próprio tempo, e lia-se no rosto de Lady Bruton, como em um relógio de sol talhado em pedra impassível, que a vida ia se reduzindo; como ano após ano, sua porção se reduzia; o quão pouco lhe restava daquela margem capaz de se estender, de absorver, como na época da juventude, as cores, os saís, os tons de existência [...] (Woolf, 2017, p. 52).

10. [m]ore than they regulate social time, more than they empty or homogenize experience, the clocks of Mrs. Dalloway coordinate unlikely juxtapositions and coexistences.

Tais sentimentos surgem inesperadamente, imergindo-a em melancolia. Clarissa é uma personagem que embora tenha uma vida social movimentada, é solitária e se sente isolada mesmo cercada por outros. É a partir de acontecimentos corriqueiros, como ler um recado de Lady Bruton convidando o seu marido e a deixando de fora, que seus conflitos internos se tornam mais intensos.

O que escapa à percepção de Clarissa, imersa em sua solidão, é que a progressão do tempo não só denota o fim, mas também representa um renascimento. Assim como o relógio que marca o fim de um ciclo, ele simultaneamente inicia outro, oferecendo inúmeras oportunidades de agir de forma diferente, de mudar o que a incomoda. Porém, ao interpretar esse ciclo apenas como o fim, ela permanece presa em sua existência insatisfatória.

À medida que o seu passado vai ressurgindo não apenas em forma de memória, mas também através do reaparecimento de pessoas que fizeram parte dele, Clarissa questiona as atitudes que tomou na juventude e, principalmente, as que não tomou, e como seria sua vida se pudesse revivê-la de forma diferente:

Preferia muito mais ser uma dessas pessoas, como Richard, que fazem as coisas por elas mesmas, ao passo que, na metade das vezes, refletiu enquanto esperava para cruzar a rua, ela não fazia as coisas simplesmente sem outros motivos; e sim para que as pessoas pensassem isto ou aquilo; era uma rematada tolice, bem o sabia (agora o guarda ergueu a mão), pois nem por um instante os outros se deixavam enganar. Oh, se pudesse recomeçar a vida!. pensou, dando um passo na rua, podia ter até outra aparência! (Woolf, 2017, p. 30).

Clarissa sente que as coisas que se imaginou fazendo, a vida que pensou que viveria, se tornaram inalcançáveis, e que sua subjetividade

foi reduzida apenas à Senhora Dalloway, esposa de Richard Dalloway. “Que curiosa essa sensação de ser invisível; despercebida; desconhecida; [...] sendo essa Mrs. Dalloway; nem mesmo Clarissa; sendo Mrs. Richard Dalloway” (Woolf, 2017, p. 31).

Woolf intercala o passado, os monólogos interiores de Clarissa e o presente da narrativa por meio de seu narrador que assume múltiplas perspectivas. Muitas vezes, para que Clarissa volte sua atenção para o presente, torna-se necessário que seus pensamentos sejam interrompidos por um elemento externo. O Big Ben, além de agir como anunciador da passagem do tempo, de ser um lembrete sobre brevidade da vida e de marcar o avançar das horas, também exerce essa função de situar Clarissa Dalloway no agora: “E o som das badaladas inundou a sala com sua onda melancólica; e, depois de recuar, se recompôs antes de irromper outra vez, quando ela ouviu, sobressaltando-se, alguém bateava, arranhava a porta” (Woolf, 2017, p. 145).

Um tema que persistia na mente dos ingleses durante o pós-guerra, e que surge ininterruptamente nos pensamentos de Clarissa, é a morte. A presença da morte em Mrs. Dalloway está intrinsecamente ligada à atmosfera de incerteza e mudança vivida por todas as personagens do romance e que pode ser comparada a uma nuvem que paira constantemente sobre elas. “A morte nunca está ausente do texto por mais do que algumas páginas, nem está ausente dos pensamentos de Mrs. Dalloway ou de Septimus Smith”¹¹ (1995, p. 270, tradução nossa).

Ao caminhar pelas ruas de Londres absorva em suas reflexões, Clarissa observa o fluxo agitado das pessoas envolvidas em suas tarefas e chega à conclusão do quanto ela gosta dessa vida. Entretanto, ela se vê presa nessa dualidade de amar essa agitação e o fato de que um dia ela

11. Death is never absent from the text for more than a few pages, nor is it absent from the thoughts of Mrs. Dalloway or Septimus Smith.

vai deixar de existir. Entretanto, a vida coletiva, ou seja, as pessoas que ficarem continuarão as suas vidas mesmo na sua ausência.

[...] o que ela amava mesmo era isto, aqui, agora, diante dela; a senhora gorda no táxi. Fazia alguma diferença então, perguntou-se, caminhando em direção a Bond Street fazia diferença se ela inevitavelmente iria deixar de existir por completo; mesmo com a sua ausência, tudo isto vai continuar; era algo para se lamentar, ou havia consolo em ver na morte o fim de tudo? (Woolf, 2017, p. 29).

Assim, em alguns momentos, a morte é interpretada por Clarissa como um aviso de que ela deve olhar para o presente. Septimus Warren Smith era um veterano da guerra que sofria com um trauma comum a ex-soldados conhecido como *shell shock*. Essa personagem funciona como um duplo de Clarissa Dalloway, uma vez que Virginia Woolf desejava explorar os acontecimentos cotidianos através da mente do lúcido e do insano, Septimus era o lado insano da moeda (Woolf, 1981). A proximidade da morte nos pensamentos de Clarissa, intensificada pela notícia do suicídio de Septimus, faz com que ela passe a valorizar o presente, “[...] que Woolf constrói com cuidado, como se cada composição de pessoas e objetos fosse a possibilidade da felicidade, uma obra de arte” (Kern, 2011, p. 105). A pergunta feita por ela, sobre haver consolo ou não em ver na morte o fim de tudo, reflete a sua busca por significado e conforto diante da finitude da vida. São trechos como esses que expõem a complexidade dos sentimentos que Clarissa Dalloway tem em relação ao tempo, à mortalidade e ao valor da existência humana.

Outro momento em que o Big Ben figura como elemento igualmente importante, e que pode passar despercebido por leitores desavisados, ocorre quando Clarissa observa sua vizinha através da janela, movendo-se ao ritmo das badaladas do Big Ben:

O Big Ben anunciou a meia hora. Que extraordinário era aquilo, estranho, sem dúvida, e tocante ver a velha senhora (haviam sido vizinhas por tantos anos) afastar-se da janela, como se estivesse presa àquele som, aquele fio. Apesar de gigantesco, tinha algo a ver com ela. Caindo, caindo, em meio às coisas corriqueiras desceu o ponteiro, tornando solene o momento. Ela era impelida, imaginou Clarissa, por esse som, impelida a se mover, a ir - mas para onde? (Woolf, 2017, p. 155-156).

Clarissa, talvez pela primeira vez, toma consciência de que o relógio exerce um controle significativo sobre a vida das pessoas. A vizinha, ao ser influenciada por esse som, retoma mecanicamente sua rotina de tarefas, como uma dentre muitos sujeitos da modernidade que usavam o relógio para reger os seus cotidianos, inclusive a própria Clarissa, embora ela não perceba. Ademais, ao comparar a senhora ao próprio Big Ben, Clarissa sugere que assim como o ponteiro do relógio continua a cair, a senhora está no processo de declínio, sendo impelida a se mover em direção à sua morte. Esse instante se torna solene, como afirmado por Clarissa, pois revela uma ligação entre ela e sua vizinha, ambas impelidas pelo som do Big Ben indo em direção ao desconhecido.

Durante toda a trama, pode-se observar como as diversas indagações de Clarissa se interligam umas com as outras e que a morte é um ponto central na vida da personagem. Schwarz pontuou que “[o] processo de ler *Mrs. Dalloway* nos mostra que a morte espregueia em cada fenda do mundo imaginado, assim como o vazio e a solidão definem cada vida.” (1995, p. 270, tradução nossa)¹². O retorno constante ao passado é impulsionado pelo receio que Clarissa tem de ter desperdiçado sua vida, uma preocupação que, por sua vez, se conecta à solidão presente, gerando o temor da morte.

12. [t]he process of reading *Mrs. Dalloway* shows us that death lurks in every crevice of the imagined world, just as emptiness and loneliness define every life.

Por mais que Clarissa tente concentrar-se no presente, a morte acaba adentrando sua festa. Um dos convidados chega comunicando que se atrasou devido ao suicídio de um de seus pacientes. Inicialmente, Clarissa fica profundamente perturbada pela introdução desse tema naquele que deveria ser seu momento de glória, uma festa planejada e executada por uma anfitriã notável. Assim como o tempo, Clarissa se mostra indiferente à vítima da morte: “[c]omeçou a subir o relógio. O rapaz havia se matado; mas ela não sentia piedade; com o relógio marcando a hora, uma, duas, três, não sentiu piedade, com tudo isso acontecendo” (Woolf, 2017, p. 219).

Nessa passagem é possível observar o movimento do ponteiro ir em oposição àquele de quando Clarissa observava a vizinha. Se naquele instante o ponteiro caía indicando a proximidade do fim, nesse momento, ele sobe, indicando que apesar da morte, a vida continua. O tempo continua a avançar, mesmo após a morte do rapaz, mesmo enquanto ela está na festa. Ela não experimentou compaixão por ele, mas sim uma sensação de contentamento por ter tido a coragem de realizar algo que considerava importante, sua festa era um lembrete de que a vida deveria ser aproveitada:

Ficou contente por ele ter feito isso; desistiu de tudo enquanto eles continuavam a viver. O relógio estava soando. Os círculos plúmbeos dissolveram-se no ar. Mas ela precisa voltar. Precisa se recompor. Precisa ver Sally e Peter. E então deixou a saleta (Woolf, 2017, p. 219).

Por fim, o relógio com seu contínuo soar incita Clarissa a se mover, deixar suas reflexões pessoais e voltar ao seu papel social, o da Senhora Dalloway, esposa de Richard Dalloway, a anfitriã perfeita. Tornando esse papel o significado que buscava para sua existência, e enfim, por

esse breve momento, Clarissa reconcilia-se com a vida e a morte. Ao voltar para sua festa, ela mescla-se com aqueles outros sujeitos, que assim como ela não podem ser reduzidos às experiências visíveis.

Considerações finais

Os símbolos quando usados na literatura oferecem novas camadas de significados às obras, e a análise desses muitas vezes permite que o leitor aprofunde a compreensão de seus personagens. Em *Mrs. Dalloway*, de Virginia Woolf, a autora utiliza o símbolo das flores e o Big Ben para ampliar as possibilidades de sentidos no romance, desenvolvendo sua narrativa e personagens. As flores atribuem significados como amor, beleza e fragilidade às experiências de Clarissa Dalloway. Na obra, além dessas perspectivas serem exploradas através das memórias, o fluxo de consciência das personagens e seus conflitos internos, as flores, enquanto símbolos, também desempenham novas projeções não tão convencionalmente conhecidas, expandindo seus sentidos abordando temáticas como o transcorrer temporal, a efemeridade do corpo e a indiferença do mundo natural, enriquecendo a narrativa.

No que se refere ao Big Ben, seu simbolismo se conecta à experiência temporal de Clarissa, seja ela passado ou presente. No decorrer daquele dia de junho, enquanto Clarissa caminha nas ruas de Londres cuidando dos preparativos de sua festa, badaladas do Big Ben trazem à tona os temores mais profundos da personagem, por meio do complexo de suas memórias e observações do universo no presente da narrativa. O relógio rege o desenvolvimento da consciência da personagem acerca de questões como a brevidade da vida, o passar do tempo e a mecanicidade do cotidiano na experiência da modernidade. Assim como as flores, Virginia Woolf utiliza o Big Ben de forma a reforçar

ideias e sentidos que dão à construção de *Mrs. Dalloway* seus contornos finais.

Referências

ALT, Christina. Woolf and the natural sciences. In: BERMAN, Jessica. *A companion to Virginia Woolf*. Malden: Wiley Blackwell, 2016.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Tradução de Vera da Costa e Silva et al. Rio de Janeiro: José Olympio, 2020.

FERBER, Michael. *A dictionary of literary symbols*. New York: Cambridge University Press, 2007.

GARVEY, Johanna X. K. Difference and continuity: the voices of Mrs. Dalloway. *College English*, v. 53, n. 1, p. 59-76, jan. 1991.

HUSS, Efrat; YOSEF, Kfir Bar; ZACCAI, Michele Zaccai. The meaning of flowers: a cultural and perceptual exploration of ornamental flowers. *The open psychology journal*, v. 10, 2017, p. 140-153.

KERN, Stephen. *The modernist novel: a critical introduction*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.

RYCHEN, Betty I. *Mrs Dalloway's flowers: An attempt to define a symbol*. Virginia: William & Mary, 1982. Disponível em: <https://scholarworks.wm.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=4322&context=etd>. Acesso em: 10 jan. 2024.

SAINT-AMOUR, Paul K. Mrs. Dalloway: of clocks and clouds. In: BERMAN, Jessica. *A companion to Virginia Woolf*. Malden: Wiley Blackwell, 2016.

SCHWARZ, Daniel R. *The transformation of the English novel*. London: Palgrave MacMillan, 1995.

ŠEVČÍKOVÁ, Markéta. *Symbolism of white in the poetry of Emily Dickinson*. Brno: Masaryk University, 2008.

WOOLF, Virginia. *A writer's diary*: being extracts from the diary of Virginia Woolf. San Diego: Harcourt, 1981.

WOOLF, Virginia. *Mrs. Dalloway*. Tradução de Claudio Alves Marcondes. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2017.

Recebido em: 20/01/2024

Aprovado em: 23/03/2024

Licenciado por

